

**Por que Dilthey não fez escola, como wundt, james, freud e outros?:  
*Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica à luz da história da  
psicologia.***

Why did not Dilthey found a “school”, as wundt, james, freud and others?:  
*Ideas concerning a descriptive and analytic psychology in the light of the  
history of psychology.*

Felipe Figueiredo De Campos Ribeiro

Universidade Federal do Pará.

---

**RESUMO:**

O objetivo deste artigo é passar em revista os principais argumentos do ensaio *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica (1894)* de W. Dilthey. Isso para, em seguida, tecer alguns comentários sobre o porquê de o programa diltheyano não ter, na prática, feito ecos na história da psicologia moderna. Na contramão do que chamou de modelo *explicativo e construtivo* da psicologia, Dilthey tentou fundamentar detalhadamente, no ensaio em questão, todo um programa epistemológico e metodológico alternativo para a emergente psicologia científica. Programa esse cujo princípio fundamental era o mesmo do da sua *Introdução às ciências humanas (1883)*: demonstrar a improficuidade, o grande erro de ponto de partida, que seria tentar importar para as ciências humanas nascentes - sem toda uma acurada reformulação no modo de olhar para o seu objeto – o mesmo modelo praticado pelas ciências da natureza. Porque, se esse fosse aplicado sem crítica ao estudo do fenômeno humano, *desvivificaria* o seu objeto. Dilthey concluiu que o estudo da psicologia, para não reduzir o seu objeto e ao mesmo tempo não perder a objetividade, deveria ser *descritivo e analítico* e proceder segundo o método histórico (e não segundo uma míope psicofisiologia proveniente das ciências da natureza). Este programa – cuja sistematicidade bem acabada teoricamente justificaria a formação de uma escola – parece não ter prosperado no âmbito das formações do psicólogo ao redor do mundo contemporâneo porque seu método levou a psicologia para longe do âmbito da *técnica* e da *aplicação*. Isso talvez deflagre o quão, para impor-se e “sobreviver” no social, a difusa e sem unidade ciência psicológica tenha sempre dependido, mais do que de teorias bem acabadas que enfeixem luz em alguma coisa, das suas modalidades de intervenção. Enquanto as *Ideias* diltheyanas restaram “esquecidas” (ou restritas às faculdades de filosofia), foram as psicologias “destinadas a fornecer um conhecimento útil para a previsão e controle dos eventos psíquicos e comportamentais” aquelas que efetivamente colonizaram os sistemas teóricos e, sobretudo, as práticas das psicologias europeias e norte-americanas da primeira metade do século XX.

**Palavras-chave:** W. Dilthey; história da psicologia; epistemologia; metodologia; ciências humanas.

---

**ABSTRACT:**

This paper aims to review the main arguments of the essay *Ideas Concerning a Descriptive and Analytical Psychology (1894)* by W. Dilthey. This is for, afterwards, weaving a few commentaries on why the diltheyan program has not, in practice, echoed

in the history of modern psychology. Going on the opposite way of what he called the *explanatory* and *constructive* model of psychology, Dilthey tried to substantiate in detail, in the essay at hand, a complete methodological and epistemological alternative program to the emerging scientific psychology. A program in which its fundamental principle is the very same of his *Introduction to the Human Sciences (1893)*: to demonstrate the uselessness, the great starting point mistake, that it would be to try to import to the rising human sciences – without an accurate and complete reformulation in the way of looking at your object – the same model practiced by the natural sciences. Because, if it was to be applied without criticism to the study of the human phenomenon, it would *de-vivify* its object. Dilthey has concluded that the study of psychology, for it not to reduce its object and at the same time not lose the objectivity, should be *descriptive* and *analytic* and proceed according to the historical methodology (and not following a myopic psychophysiology that came from the natural sciences). This program – in which its well-rounded systemacity would theoretically justify the founding of a school – seems not to have prospered in the midst of the psychologist's formations around the contemporary world because its method led the psychology far from the scope of *technique* and *application*. This may deflagrate how, to impose itself and “survive”, the diffuse and de-unified psychological science has always relied, more so than in well-rounded theories that shed light into something, on its intervention modalities. While the diltheyan *Ideas* remain “forgotten” (or restricted to philosophy courses), it was the “destined to provide a useful knowledge to the prediction and control of the psychic and behavioral events” psychologies those which ultimately colonized the theoretical systems and, specially, the practices of European and North-American psychologies in the first half of the 20th century.

**Key-words:** W. Dilthey; history of psychology; epistemology; methodology; human sciences.

---

O objetivo deste artigo é passar em revista os principais argumentos do ensaio *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*<sup>1</sup> de W. Dilthey. Isso para, em seguida, tecer alguns comentários sobre o porquê de o programa diltheyano não ter, na prática<sup>2</sup>, feito ecos na história da psicologia moderna<sup>3</sup>.

Embora Dilthey e o historicismo geralmente apareçam e sejam recapitulados nos livros de história (ou de fundamentos epistemológicos) da psicologia<sup>4</sup>, jamais tomaram corpo em movimentos ou escolas que reivindicassem para si um lugar bem delimitado no conjunto heterogêneo, disperso e quase sem unidade que acabou se tornando essa ciência. Não obstante ao sério esforço que empregou para lançar as bases de uma psicologia (de um modelo de apreensão objetiva do fenômeno psicológico), o pensamento de Dilthey jamais ganhou um desenvolvimento histórico fora do âmbito da filosofia (mais precisamente, da hermenêutica). E isso por razões de natureza extra científica, para dizer como G. Canguilhem (2002) em sua crítica à cientificidade da psicologia, as quais tentaremos expor a partir da análise do ensaio em questão.

Este foi escrito entre 1892-94 e revisto entre 1907-1908 – já no período de maturidade das produções do filósofo (naquele em que ele dedicava-se em lançar as bases para a interpretação histórica da literatura e da poesia). Portanto, onze anos depois da publicação do primeiro número da revista *Philosophische Studien* (1881) e seis anos antes da publicação do primeiro dos dez volumes da *Völkerpsychologie*, ambos de W. Wundt. Ou seja, no exato período em que a obra psicológica desse autor transitava para sua segunda fase<sup>5</sup>, ao perceber a sua própria limitação em pretender-se estritamente enquanto *physiologische psychologie*.

No mesmo período em que Wundt fazia a psicologia distinguir-se da filosofia para autonomizar-se enquanto ciência psicofisiológica<sup>6</sup> (fundada na tentativa de apreensão empírica da experiência imediata<sup>7</sup>) – atraindo, com isso, estudiosos da Alemanha, da América do Norte e do mundo todo para o seu laboratório em Leipzig –, Dilthey, na contramão dessa hegemonia e renunciando a adjeção que aquele faria à sua própria obra, tentava fundamentar detalhadamente todo um programa metodológico alternativo para a dita psicologia científica. Programa esse cujo princípio fundamental era o mesmo do da sua *Introdução às ciências humanas (1883)*<sup>8</sup>: demonstrar a improficuidade, o grande erro de ponto de partida, que seria tentar importar para as ciências humanas nascentes<sup>9</sup>, sem toda uma acurada reformulação metodológica, o mesmo modelo praticado pelas ciências da natureza, o qual chamou de *explicativo* e *construtivo*. Porque esse modelo, se aplicado sem crítica ao estudo do fenômeno humano, *desvivificaria* o seu objeto. Isto, por proceder abstrativamente: retirando-o de seu *todo* (ou, nas palavras de Dilthey, de um *nexo* mais amplo); isolando-o em relações de causalidade estritamente determinadas; enfim, considerando “um número limitado de seus elementos” (DILTHEY, 2011 p. 23). Para o filósofo, o fenômeno humano possuiria uma ipseidade que inviabilizaria (ou, no mínimo, tornaria inócua) a sua apreensão decomposta e esquadrinhada enquanto realidade que meramente recebe e percebe estímulos físicos.

Nesse ponto, pode-se chegar a dizer que a crítica de Dilthey assemelha-se àquela que viria a ser feita em 1924, também contra o estruturalismo de Wundt, por Wertheimer e seus colaboradores Köhler e Koffka, conhecida como Psicologia da *Gestalt*. Esta escola surgiu em Berlim também para contrargumentar aos psicólogos experimentais que lhes seria improdutivo adotar um método que visasse a todo o custo apreender o funcionamento da consciência reduzindo-a aos seus elementos mínimos.

Porque, muito simplesmente, *o todo é algo diferente da soma das partes* e, portanto, o que importaria seria extrair da consciência a descrição dos objetos tal como são percebidos (e não tal como são de fato).

*A 'fórmula' fundamental da teoria da Gestalt poderia ser expressa da seguinte maneira: existem totalidades, cujo comportamento não é determinado pelos dos seus elementos individuais, mas nos quais os processos parciais são eles mesmos determinados pela natureza intrínseca do todo. A teoria da Gestalt alimenta a esperança de determinar a natureza dessas totalidades* (WERTHEIMER, 1999 [1924] p. 181).

A experiência da percepção, segundo a célebre fórmula de Wertheimer, seria sempre a de uma totalidade, a de um conjunto unificado; isto é, a de uma *Gestalt*. Mas as considerações de Dilthey vão ainda mais longe. O *todo*, de fato, é diferente da soma das partes (nisto estariam de acordo). Porém, este próprio *todo* tampouco é satisfatoriamente apreensível ao nível imediato da pesquisa experimental, como passou a tentar praticar a escola gestaltista a partir da década de 1920. Porque, para Dilthey (e isso nenhum movimento na história da psicologia parece ter compreendido com tanta radicalidade), o homem é um fenômeno que já está desde sempre inserido em um prévio horizonte *histórico e hermenêutico*; horizonte este que está imiscuído às suas *vivências* mais imediatas, mas que, ao mesmo tempo, transcende a sua vida individual. Isso, de tal modo que esse homem aparece aqui como um objeto possível de ser apreendido apenas como uma *totalidade vivida*. Como uma totalidade vivida que não necessariamente é consciente de si mesma, na medida em que os elementos que a constituem estão para muito além dela, são muito anteriores à sua vida individual.

*(...) as ciências naturais são essencialmente marcadas pela produção de um a cisão entre o fenômeno da vida, entre o campo de investigação de seus objetos e o nexó vital histórico, material e psíquico no qual esses objetos eles mesmos desde o início se encontram. Ciências naturais são decompositoras, destrutivas e esfaceladoras. Em suma, elas trabalham por meio de um procedimento abstrativo, que traz consigo inevitavelmente uma desvivificação dos conhecimentos. É esse o cerne da afirmação diltheyana de que as ciências naturais são explicativas, enquanto as ciências humanas são compreensivas. Para Dilthey, as ciências naturais são explicativas, na medida em que procuram dar conta de maneira teórico-causal do modo de ser daquilo que se apresenta. (...) as ciências humanas são compreensivas, porque elas trabalham justamente na direção da reconstrução da base comum a partir da qual se realizam todos os fenômenos em geral* (CASANOVA, 2011, p. 11).

As ciências da natureza procedem abstrativamente porque a *phýsis* enquanto realidade – no sentido mesmo da tradição aristotélica, que distinguiu as apreensões

cognoscivas *aisthêtikas* (meramente empíricas e particulares) das *noéticas* (resultantes do *raciocínio* e, portanto, dotadas de elementos teóricos)<sup>10</sup> – é inicialmente um todo indistinto e amorfo, passível de ser explicado logicamente apenas se decomposto e dividido em partes interdependentes. Isso, para que apenas então o estudioso possa apreender através da atividade noética de teorizar (*theôrêô*) as causas invariáveis geradoras da multiplicidade do aparecer físico (as relações *universais* de causalidade). Nas palavras de Spinelli (2006), através de atividade noética de teorizar, o filósofo procura a “*archê* explicativa, referida a uma unidade inteligível através da qual se poderiam dar como conhecidas quer a totalidade das coisas, quer uma certa comunidade de coisas ou de fenômenos observados” (p. 205). Isso, ao passo em que, “em Aristóteles, o *saber* relativo à *aisthêsis* (ao sensível, à percepção do que é aparente) tem um valor meramente subjetivo. De seu ponto de vista *aisthêsis* não é *epistêmê*, e sim *gnôses*, um saber superficial” (p. 219).

Pois bem, as ciências da natureza, além de procederem abstrativamente (no sentido da antiga tradição epistemológica acima exposta), são também hipotéticas. Porque “completam um modelo experimental por meio de indução”. Ou seja:

*(...) uma conexão causal só surge em nossa apreensão da natureza por meio de um complemento. Com isso, a hipótese é um recurso necessário ao conhecimento progressivo da natureza. Se normalmente muitas hipóteses se apresentam com igualmente possíveis, então a tarefa é provar uma e excluir as outras por meio do desenvolvimento daquilo que se segue a partir delas e da comparação delas com os fatos. A força das ciências naturais é que elas têm na matemática e no experimento os recursos para dar a esse procedimento o grau mais elevado possível da exatidão e segurança (DILTHEY Op. Cit. p. 24).*

As ciências da natureza *explicam* a realidade na medida em que, por exclusão das hipóteses falsas possibilitada pelas sucessivas testagens experimentais, conseguem expressar matematicamente as leis segundo as quais “uma certa comunidade de coisas” do mundo material invariavelmente se comporta.

Seria improfícua a aplicação desse modelo ao fenômeno humano, em primeiro lugar, porque “as ciências naturais possuem fatos em relação aos seus objetos, que aparecem na consciência *como dados de fora*, como fenômenos e como dados de maneira particular [que podem ser isolados, observados e testados]”. Isso, ao passo em que “nas ciências humanas, eles [os fatos] surgem mais originalmente de maneira interna, como realidade e como uma conexão viva”. Nas ciências naturais a possibilidade de se estabelecer conexões entre uma coisa e outra - a possibilidade de

observação direta de uma relação de causa e efeito - é dada “por meio de conclusões complementares, por intermédio de uma ligação de hipóteses”. Porém,

*(...) hipóteses não possuem de maneira alguma no campo psicológico a capacidade de realização que elas alcançaram no conhecimento científico natural. No âmbito da vida psíquica, os fatos não podem ser elevados à determinação exata, que é necessária para a comprovação de uma teoria por meio da comparação de suas consequências com tais fatos. Assim, em ponto algum decisivo, se conseguiu excluir outras hipóteses e verificar a verdade das outras hipóteses restantes (Ibid. p. 29-31).*

Não sendo possível, no âmbito da vida psíquica, isolar diferentes elementos para testar hipóteses e elevar os fatos a uma determinação exata; não sendo possível experienciar a vida psíquica senão como uma *conexão viva* imediata que se dá *como um todo* no interior de cada indivíduo; segue-se que “a conexão viva é aqui o elemento primeiro, a distinção dos elos particulares é o que vem em seguida” (Ibid. p. 29). Ou seja, o ato de *compreender* (tarefa das ciências humanas) é um movimento no sentido contrário ao ato de *explicar* (tarefa das ciências da natureza). Ao invés de isolar os elementos mais simples possíveis para observá-los (e apenas então passar a estabelecer as conexões mais compostas e complexas<sup>11</sup>), o pesquisador de uma ciência humana deve começar apreendendo em sua totalidade vívida – empaticamente, como que se identificando com ele – o fenômeno que esteja estudando.

O ensaio representa a confrontação diltheyana a todo o projeto de psicologia científica que nascia ao seu lado, representada por Herbert, Spencer, Taine, Waitz, Helmholtz, Wundt, James e mesmo, mais remotamente, por James e John Stuart Mill (esses são os autores que o autor evoca e com que dialoga ao longo, sobretudo, dos três primeiros dos nove capítulos). Como já dissemos, tratava-se, nas palavras de Dilthey, de uma *psicologia explicativa e construtiva* essa representada pelos autores supracitados e que emergia com forte hegemonia<sup>12</sup>.

Fazendo justiça a seus adversários, Dilthey não deixou de lembrar que alguns deles se deram conta do caráter limitador do modelo em prol dos quais eles próprios advogavam. A começar pelo próprio Wundt, cuja monumental obra psicológica – em sua maior parte até hoje ainda não traduzida para o português e pouquíssimo estudada no Brasil – dividiu-se em duas (tendo a segunda, a *völkerpsychologie*, claramente tendido ao seguir caminho aberto por Dilthey). O mesmo Wundt (Op. Cit.) “que compartilhava do preconceito geral, natural para um fisiologista, de que a formação das percepções sensoriais seria uma obra das propriedades fisiológicas de nossos órgãos sensoriais”, quando tentou “conquistar uma compreensão psicológica (...) para o

desenvolvimento das funções superiores da fantasia e do entendimento”, declarou expressamente que a psicologia fisiológica não lhe ofereceu “nenhum auxílio”. Ele declara:

*Há que ser dito com contundência que o paralelismo psicofísico nunca pode ser aplicado senão aos processos psíquicos elementares, nos quais apenas as ocorrências moveis determinadamente marcadas acontecem paralelamente, mas não a produtos complicados da vida espiritual (...) nós vimos o quão complicados são, por regra, aqueles processos mentais que terminam na formação de uma ideia; quantas sensações tomadas dos mais variados departamentos dos sentidos não devem estar simultaneamente envolvidas neles (WUNDT Op. Cit. p. 446-447).*

No segundo capítulo de seu ensaio, Dilthey cita esta passagem de Wundt. Como também observa mais adiante que

*Ainda mais intensamente do que Wundt, James, em sua psicologia<sup>13</sup> e Sigwart nos nove capítulos de sua lógica sobre o método da psicologia, capítulos esses nos quais ele também recomenda o cultivo da psicologia descritiva, acentuam o elemento livre e criador da vida psíquica (Dilthey, Op. Cit. p. 61).*

Mas essas eram as exceções. O *mainstream* consistia nessa tentativa de construir a psicologia segundo o modelo das ciências da natureza. Vendo, portanto, vários dos seus contemporâneos alemães fundando o novo saber a partir de premissas inadequadas – e, conseqüentemente, preparando o terreno para um futuro que seria certamente vasto em confusões –, o filósofo irá propor a sua *psicologia descritiva e analítica* como alternativa:

*Compreendo por uma psicologia descritiva a apresentação dos componentes e nexos que entram em cena uniformemente em toda a vida psíquica humana desenvolvida, tal como eles se encontram ligados em uma única conexão, que não é adicionada por meio do pensamento ou descerrada, mas vivenciada. Portanto, essa psicologia é uma descrição e uma análise de uma conexão, que vem à tona originalmente e sempre como a própria vida. (...) Ela tem por objeto a regularidade na conexão da vida psíquica desenvolvida. Ela representa essa conexão da vida interior em um homem típico. Ela considera, analisa, experimenta e compara (...). Mas seu significado na estruturação das ciências baseia-se justamente no fato de que toda e qualquer conexão usada por ela pode ser verificada inequivocamente por meio da percepção interior e de que cada conexão como tal pode ser indicada como elo da conexão mais abrangente (Ibid. p. 40-41).*

Dilthey está tentando fundamentar uma psicologia que não olhe para o homem de maneira e reduzi-lo a um mero organismo que responde a estímulos fisiológicos; mas

que abarque, em suas descrições e análises, a vida humana como um todo, nas suas mais amplas dimensões. Isso, contudo, sem perder jamais de vista a *objetividade* dessas descrições e análises. Na conciliação dessas duas exigências é que reside o imenso desafio da tarefa.

Embora inclua a amplitude e profundidade da *vida* em sua filosofia (e mesmo a eleve aí a um patamar central), Dilthey não é, absolutamente, um subjetivista, um “irracionalista” ou um exaltador do imperscrutável élan vital – tal como certos comentadores caracterizam, por exemplo, Nietzsche ou Bergson, que também erigiam filosofias da vida àquele mesmo período. Movido por um compromisso maior com o valor das ciências e das questões epistemológicas de seu tempo, Dilthey entende perfeitamente as razões de Wundt e dos demais adeptos do modelo explicativo e construtivo. Justamente por isso quer dialogar com eles. Está ciente de que todo e qualquer apelo às *vivências* que seja feito sem o devido cuidado e tratamento crítico – ultrapassando os limites da experiência possível legada pelo kantismo – poderá vir a perder-se na velha areia movediça da metafísica. E aqui é que entra em cena a importância dos *nexos*. É neles que amparará a sua crítica histórica e se imunizará contra aquela.

Insistirá em que os *componentes* e *nexos* que constituem a vida psíquica humana desenvolvida entram em cena *uniformemente* em cada unidade vivente. Mais claramente: os homens de determinada cultura e sociedade compartilham um mesmo mundo: sentem, pensam, têm vontades, se movem no interior de um espectro semântico que não é infinito e desprovido de estrutura; estão *ligados* uns aos outros. Daí a psicologia ter por objeto “a regularidade na conexão da vida psíquica desenvolvida”; regularidade esta que se faz imediata e inconscientemente presente na vida interior de qualquer “homem típico”.

Os grandes inspirados de uma cultura (os artistas e os filósofos, por exemplo) exprimiriam sutilezas da vida capazes de fazer com que os muitos viventes que os escutem, mais que se identifiquem, sintam-se profundamente compreendidos, em dimensões que eles próprios não seriam capazes de dizer por si mesmos. Como quem diz “o poeta soube dizer de mim melhor que eu mesmo”. Tais feitos dariam indícios de que jamais são tão idiossincrásicas assim quaisquer que sejam as *vivências* mais internas e profundas de cada indivíduo:

*Nas obras dos poetas, nas reflexões sobre a vida, tais como elas foram expressas por grandes escritores como Sêneca, Marco Aurélio, Augustinho, Maquiavel, Montaigne e*

*Pascal, há uma compreensão do homem em sua realidade efetiva, uma compreensão em relação a qual toda a psicologia explicativa permanece muito aquém (Ibid. p. 41).*

Embora as obras dos grandes pensadores deem indícios de que, em alguma medida, estamos todos interligados em um mesmo mundo hermenêutico (de que somos sensíveis a reconhecer mutuamente aspectos da vida que são comuns a todos), elas, no entanto, não seriam por si mesmas capazes de reconstituir sistematicamente a totalidade desses *caminhos* e *nexos* que nos interligam:

*Mas em toda a literatura reflexiva, que poderia apreender a realidade efetiva plena do homem, faz-se valer até nossos dias, ao lado de sua superioridade em termos de conteúdo, a incapacidade para a apresentação sistemática. Nós nos sentimos tocados por reflexões particulares até o mais íntimo de nosso coração. A profundidade da vida mesma parece se descortinar nessas reflexões. Logo que aspiramos produzir a partir delas, porém, um nexo claro, elas fracassam. A sabedoria dos poetas em relação aos homens e à vida é totalmente diversa de tais reflexões. Ela só nos fala por meio de figuras e junções de destinos, se iluminando aqui e acolá no máximo como um raio por meio da reflexão. Mas ela também não contém nenhum nexo universal palpável da vida psíquica. Estamos cansados de escutar que há mais psicologia no Rei Lear, em Hamlet e em MacBeth do que em todos os manuais de psicologia juntos. Tomara que esses fanáticos da arte desvendem para nós algum dia a psicologia envolvida em tais obras! Se entendermos por psicologia uma apresentação do nexo regular da vida psíquica (...), o modo como os grandes escritores e poetas tratam a vida humana constitui-se como uma tarefa e uma matéria prima. Temos aqui a compreensão intuitiva de todo o contexto, do qual a psicologia precisa se aproximar por sua via de maneira ao mesmo tempo universalizante e abstrata (Ibid. p. 41-42).*

Caberia à psicologia descritiva e analítica a árdua tarefa de, de forma universalizante e abstrata, subsumir de toda a matéria prima fragmentaria deixada pelos grandes poetas os *nexos* que deverão ser apresentados de modo a proporcionar ao homem a compreensão da “realidade efetiva plena do homem”. E como o psicólogo descritivo e analítico procederia para dar cabo a tal tarefa? Qual seria o seu método?

Ao quarto capítulo do ensaio, Dilthey (Ibid.) afirma que um “nexo adquirido” se faz presente em toda a vida psíquica e que esse nexo contém as “regras das quais o transcurso dos processos psíquicos particulares é dependente” [grifos do autor] (p. 78-79). Isso quer dizer: por mais elementar que seja um processo psicológico básico – seja a apreensão sensível de um feixe de luz pelos olhos, um estado afetivo, uma volição qualquer, etc. –, ele jamais é vivenciado de forma isolada pela consciência. Cada processo psicológico básico que se dá nesta vai a cada segundo sendo imediatamente integrada a um nexo mais amplo – a uma vivência integral. O autor tenta descrever o

processo com todo um detalhamento que chega a ser maçante; mas que, em suma, não quer dizer senão que a consciência não é algo assim como um corpo material que possa ser decomposto em várias pequenas partes, a fim de que o seu mecanismo possa ser mais bem estudado. O que quer que “entre na consciência”, ao contrario, integra-se, num piscar de olhos, a uma espécie de nexo holístico – nexos este que é *adquirido*.

O que significa esse *adquirido*? É precisamente nesse ponto que vemos aparecer no texto aquilo que se contrapõe a todo pensamento psicológico de base naturalista: a afirmação do método histórico, em detrimento de um empirismo imediato (de base fisiológica e biológica):

*Esse nexos adquirido nos é dado de início no homem desenvolvido, e, em verdade, em nós mesmos. Mas como não nos conscientizamos dele como um todo, ele só é apreensível de início de maneira mediada em partes singulares reproduzidas e em sua atuação sobre processos psíquicos. Por meio daí comparamos, por isso, suas criações, para apreender esse nexos de maneira mais profunda e mais constante. Nas obras de homens geniais, podemos estudar a atuação enérgica de determinadas formas de atividade espiritual. Na linguagem, no mito e no uso religioso, nos costumes, no direito e na organização externa estão presentes produtos do espírito como um todo, nos quais a consciência humana, para falar como Hegel, tornou-se objetiva e assim, resiste à decomposição. O que o homem é, isto é algo que ele não experimenta, de qualquer modo, por meio da meditação sobre si, nem tampouco por meio de experimentos psicológicos, mas antes apenas por meio da história. (Ibid. p. 79).*

Já está “dado de início” em cada homem desenvolvido esse nexos que reúne em si todas as partes daquilo que o constitui. Mas está dado *inconscientemente* (“não nos conscientizamos dele como um todo”). Ou seja, embora esse homem desenvolvido típico ande por aí como uma particular síntese viva desse nexos histórico que transcende a sua vida individual, ele não é consciente dos processos que o levaram a ser o que é, que o levaram a ver o mundo como o vê e ter as vivências que tem. Cada um de nós é um microcosmo transhistórico encarnado, que a priori ignora os diversos processos históricos que constituem o seu próprio ser.

Mas haveria remédio que atenuasse tal autoalienação. Teríamos meios de desenlear, de desfilar, esse nexos, tornando claros os diferentes fios que o costuraram. Bastaria que nos debruçássemos sobre as *criações* objetivas que nós próprios (nossos antepassados) deixamos. Quão mais nos interessássemos pelo material histórico que nós mesmos, enquanto tradição cultural, produzimos, mais ampliaríamos os nossos horizontes e melhor *compreenderíamos* a nós mesmos.

*Essa decomposição dos produtos do espírito humano, que procura alcançar uma intelecção do surgimento do nexu psíquico, precisa, então, contudo, ligar a observação e a união de toda a qualquer parte capturável com a análise dos processos históricos, nos quais tal nexu se forma. (...) Já nas transformações históricas, que ocorrem junto os produtos do espírito conjunto, manifestam-se tais processos vivos; é assim que as coisas se dão em meio as mudanças de sons, à mudança de significados das palavras, às transformações nas representações, que se articulam com um nome dos deuses. Em seguida, em relatos de vida, em diários, cartas, somos informados de processos internos, que iluminam a gênese de determinadas formas da vida espiritual. (p. 79-81).*

Grifei a palavra *produtos* para destacar o ponto preciso em que o método diltheyano pretendeu buscar a positividade do seu objeto: na história (ao invés de na psicofisiologia ou no comportamento). Na história (ou nos *produtos* desta) reside a antimetáfísica do filósofo – se bem que, mediante a ideia de nexu, ele parta do pressuposto nada insuspeito de que uma espécie de *empatia imediata à vivência* garantiria a conexão “pura” entre sujeito (o homem que estuda) e objeto (seus próprios produtos longinquamente distantes no tempo). Em outras palavras: sob o esteio dos *produtos* da história, Dilthey tenta garantir a objetividade da sua proposta metodológica. Porém, se pensarmos em termos de teoria do conhecimento, isso não o livra de ter de resolver um segundo problema: explicar precisamente como, no interior do sujeito, tais produtos seriam *decodificados* pela consciência. Chamará de *compreensão* tais decodificações.

*A compreensão refere-se a formas objetivas históricas, cujas estruturas e legalidades devem ser apreendidas. São “objetivações da vida”, que ele [Dilthey] designa também, com a expressão de Hegel, como “espírito objetivo”. Essas objetivações da vida são o objeto das ciências do espírito. Trata-se de compreendê-las. Na medida, porém, em que brotam da vida e objetivam o evento vital, a “vivência” constitui o acesso à compreensão. Na vivência se abre a unidade da vida, pela qual se há de compreender cada uma das manifestações vitais. Logo, a compreensão se funda na vivência (CORETH, 1973 p. 21).*

As objetivações materializadas nos produtos da história “brotam da vida” (objetivam a vivência). Portanto, estão sempre revestidas de significado. Esses significados só podem ser compreendidos no âmbito íntimo, imaterial, das tais vivências. Pensando no problema da objetividade com que uma consciência é capaz de perceber que está ligada à outra, Dilthey escreve:

*Nós complementamos a percepção interna por meio da apreensão de pessoas alheias. Nós apreendemos o interior dessas pessoas. Isso acontece por meio de um processo intelectual, que é equivalente a uma conclusão por analogia. As deficiências desse processo são condicionadas pelo fato de só o levarmos a termo por meio da*

*transposição de nossa própria vida psíquica. Aquilo em uma vida psíquica alheia que não diverge desse próprio interior de maneira meramente quantitativa ou que não se distingue pela ausência de algo que está presente no próprio interior não pode ser positivamente complementado por nós de maneira pura e simples. Podemos dizer em tal caso que algo estranho para nós se adiciona, mas não estamos em condições de dizer o que seria isso. Fala muito em favor do grande parentesco interior de toda vida psíquica humana entre si o fato de uma compreensão de uma vida psíquica humana alheia ser completamente possível para um pesquisador que está acostumando a olhar em torno de si e que conhece o mundo. (Ibid. p. 103-104).*

A compreensão da vida psíquica alheia é “completamente possível para um pesquisador que está acostumando a olhar em torno de si e que conhece o mundo”. Em termos históricos isso quer dizer que, para Dilthey, a compreensão, por parte de um homem do presente, do significado de um produto deixado por outro homem do passado se daria assim como qualquer coisa intuitiva e imediata às suas vivências. Sim, a empatia hermenêutica é um elemento de fé fortemente presente e que desempenha um papel fundamental<sup>14</sup>. Contudo, são igualmente imprescindíveis – na medida em que são o próprio material a partir do qual haverá qualquer possibilidade de empatia – os produtos objetivos da vida psíquica: “Na língua, no mito, na literatura e na arte, em geral em todas as realizações históricas, temos uma vida psíquica que se tornou por assim dizer objetiva: produtos das forças atuantes, que são de uma natureza psíquica: figuras fixas, que se construíram a partir de componentes psíquicos e segundo suas leis” (Ibid. p. 105).

Se falasse para psicólogos contemporâneos, é como se Dilthey dissesse que, para se estudar o homem, não adianta muito tentar medir suas reações psicofisiológicas, observar seu comportamento (baseando-se em um empirismo míope) ou escutá-lo clinicamente (tomando a linguagem como um fenômeno superestimadamente individual). Recorrer ao estudo da história é o que teríamos de mais objetivo. Por aí é que nos seria possível – através do acesso aos *produtos* deixados pelo homem – fazer *reconstituições objetivas de sentido*. Objetivas, na medida em que as nossas vivências psíquicas estariam entrelaçadas por redes comuns – pois, refisemos, no limite, há sempre elementos compartilhados (materializados pelos *produtos*) nas (ou constitutivos das) nossas vivências individuais. É nesse sentido que cada ciência humana “necessita de conhecimentos psicológicos” prévios, necessita estar mergulhada em um mundo psicológico complexo já de antemão tacitamente compartilhado por cada unidade vivida. Porque, por exemplo,

*(...) toda análise do fato religião se remete a conceitos como sentimento, vontade, dependência, liberdade, motivação, que podem ser esclarecidos no contexto psicológico. Tal análise precisa lidar com contextos da vida psíquica, uma vez que é nessa vida que a consciência de Deus surge e ganha força. Esses contextos, porém, são condicionados pelo contexto universal, regular e psíquico e só são compreensíveis a partir dele. (...) assim como os demais sistemas da cultura: economia, direito, religião, arte e ciência, assim como a organização externa da sociedade nas associações da família, das comunidades, da igreja e do Estado provieram da conexão viva da alma humana, elas mesmas só podem ser compreendidas a partir dela. Fatos psíquicos formam o seu componente mais importante: sem uma análise psíquica, portanto, eles não podem ser concebidos. Eles contêm uma conexão em si, porque a vida psíquica é uma conexão. Assim, a compreensão dessa conexão interna em nós condiciona incessantemente o seu conhecimento. Eles podiam surgir com um poder abrangente sobre a conexão particular, porque existe uniformidade e regularidade na vida psíquica e possibilita uma mesma ordem para as muitas unidades vivas (p. 34-35).*

As reconstituições objetivas de sentido viabilizadas pelo estudo da história dependem de pressupostos psicológicos. Um dos objetivos do ensaio é descrever como tudo se passaria dentro de nós de maneira a nos fazer dotados da sensibilidade à compreensão da alteridade; é descrever como seríamos capazes de nos colocar no lugar do outro histórico por participarmos todos, em alguma medida, de nexos comuns mais amplos. Portanto, note-se que a psicologia em Dilthey, mais que mero projeto de uma nova ciência humana, é aquilo cuja fundamentação é a própria condição de possibilidade à *démarche* de qualquer das demais ciências humanas. Ainda no primeiro dos nove capítulos – intitulado *A tarefa de uma fundamentação psicológica das ciências humanas* –, lemos o seguinte:

*A teoria do conhecimento e as ciências humanas podem ser reunidas no que se refere à necessidade de uma fundamentação psicológica (...). Em verdade, no contexto das ciências, a teoria do conhecimento possui um lugar totalmente diverso do lugar das ciências humanas. Uma psicologia não pode se lhe mostrar como antecedente (...). Será que ela [a teoria do conhecimento] pode ser configurada independentemente de pressupostos psicológicos? E caso esse não seja o caso: qual seria a consequência disso, se ela fosse fundamentada em uma psicologia explicativa? (p. 32).*

Em primeiro lugar, o fato é que as ciências modernas como um todo (começando pelas naturais) pressupõem sempre (implicitamente ou não, conscientemente ou não) alguma teoria do conhecimento subjacente que lhes dê sustentação. Os filósofos modernos sempre tentaram descrever a estrutura de faculdades mentais intrínsecas ao Sujeito que seriam as condições primeiras à aquisição do conhecimento. Tal descrição serviria, grosso modo, para nos fornecer um claro discernimento epistemológico acerca

dos limites dos conhecimentos possíveis. Ao dizer que tanto as ciências humanas quanto a teoria do conhecimento necessitam de fundamentação psicológica, Dilthey está afirmando que a psicologia, ao invés de ser mais uma dentre as demais ciências a receber tacitamente os pressupostos de uma dada teoria do conhecimento, seria, ao contrário, aquilo que deveria fornecer as descrições fundamentais de que necessita qualquer teoria do conhecimento.

*Uma escola proeminente pela argúcia de seus representantes exige a completa independência da teoria do conhecimento em relação à psicologia. Ela afirma que, na crítica da razão levada a termo por Kant, essa emancipação da teoria do conhecimento ante a psicologia é levada a termo em princípio por meio de um método particular. (...) Mas é evidente o seguinte: os fatos espirituais, que constituem a matéria da teoria do conhecimento, não são articulados uns com os outros sem o pano de fundo de uma representação qualquer do nexó psíquico. Nenhuma magia intrínseca a um método transcendental pode tornar possível isso que é em si impossível. Não há nenhuma palavra mágica oriunda da escola de Kant que possa nos ajudar nesse ponto. A aparência de poder realizar algo assim baseia-se em última instância no fato de que o teórico do conhecimento possui em sua própria consciência viva esse nexó e o transpõe a partir dessa consciência para o interior de sua teoria. Ela pressupõe tal nexó. Ele se serve desse nexó. Mas ele não o controla. Por isso, para ele, interpretações desse nexó vindas da esfera linguística e do círculo de ideias da época e realizadas por meio de conceitos psicológicos imiscuem-se necessariamente de maneira sub-reptícia em sua teoria. (Ibid. p. 36).*

Estamos diante da crítica historicista à teoria do conhecimento sustentada pela escola neo-kantista. Dilthey está deflagrando como já desde sempre mergulhado em um horizonte hermenêutico prévio aquele sujeito kantiano pretensamente dotado de faculdades que lhe viabilizariam o acesso puro (“sem preconceitos”, livre de história) ao real. Pois o teórico do conhecimento já possuiria em sua própria consciência viva “esse nexó”, o qual transporia, sem o saber, para o interior de sua teoria. Face a tal diagnóstico, seria necessária uma fundamentação psicológica das ciências humanas.

Wundt, para fazermos um contraponto, também era da opinião de que não seria a filosofia quem deveria fornecer seus fundamentos à psicologia. Em matéria de teoria do conhecimento, ela, doravante, é quem deveria passar a especular apenas dentro dos limites estabelecidos pela pesquisa científica psicológica: “Ao invés de uma psicologia fundada em pressupostos filosóficos, requeremos uma filosofia para a qual valores especulativos são descritos apenas até o ponto em que eles podem ser a cada passo convalidados pelos fatos da psicologia, tanto quanto por aqueles científicos, experimentais” (WUNDT, Op. Cit. p. 1).

Não obstante à aparente concordância acerca da precedência da psicologia em relação à filosofia, são completamente opostas as visões de Dilthey e de Wundt. A que este último tinha sobre ciências naturais queria fazer crer que a estas, por se aterem absolutamente aos dados empíricos da realidade, prescindiriam de qualquer “especulação teórica” que as precedesse – como se uma ciência, até para ser empírica, não fizesse previamente a escolha por um dado modelo epistemológico (que, em última instância, é uma visão de mundo). Trata-se do paradoxo muito comum no século XIX – Teo (2015)<sup>15</sup> abordou satisfatoriamente a questão – criado pelos psicólogos que tentaram ingenuamente autonomizar as ciências em relação à filosofia (e mesmo subordinar essa àquelas), sem lembrar que o positivismo é uma “teoria” filosófica. Em Dilthey, ao contrário, a precedência da “psicologia” – com seus nexos transhistóricos – quer, no fundo, significar exatamente a precedência dos “preconceitos”, dos elementos pré-científicos, a qualquer visão pretensamente pura sobre o mundo.

Qualquer estudioso de história da psicologia conhece a polêmica que se desenrolou entre Dilthey e Ebbinghaus a partir da publicação do ensaio. Antes de levá-lo ao público, aquele chegou a enviar seu manuscrito à apreciação exclusiva deste, que reagiu de forma contundente e empedernida a todas críticas sofridas, oficializando dois anos depois as suas objeções em um artigo publicado na sua *Revista de psicologia e fisiologia dos órgãos dos sentidos* (1896)<sup>16</sup>. O principal herdeiro intelectual de Wundt em terreno germânico contrargumentou que

*(...) não haveria necessidade de uma psicologia descritiva, porque a psicologia naturalista e científica seria capaz de cumprir todas as exigências criadas por Dilthey. Ebbinghaus rejeita todos os argumentos de Dilthey, sugerindo que eles foram motivados pela emoção e não pela razão. Ebbinghaus argumenta que Dilthey propôs um grande programa, porém desprovido de conteúdo real, que suas ideias gerais não dispunham de nenhum exemplo concreto (TEO, 2005 p. 47).*

Diferentemente de Wundt – que, com sua autoridade de “pai fundador”, acabou reconhecendo a necessidade em se fazer a passagem para uma psicologia que consistisse no estudo das *produções* resultantes da ação dos processos psicológicos complexos praticados a nível coletivo (*völkerpsychologie*) –, Ebbinghaus advogou pela *naturalização* total da psicologia. Os processos psicológicos mais complexos e internos teriam sim como serem estudados mediante os métodos experimentais. Seu grande estudo sobre a memória – *Memória: uma contribuição para a psicologia experimental* (1885)<sup>17</sup> – fora a sua grande tentativa de provar isso.

Dilthey e Ebbinghaus, que foram professores colegas na Universidade de Berlim até 1893, oficializaram as suas posições teóricas como diametralmente opostas a partir da publicação de Dilthey. Com isso, sem saber, abriram talvez a primeira cisão profunda naquela nova ciência que ainda sofreria sucessivas outras ao longo dos anos seguintes. Mas o modelo triunfante fora, sem dúvida, o de Ebbinghaus. E aqui me refiro a um espectro amplo quando uso a palavra *modelo*. Entendo-o como sinônimo do que Figueiredo (1999) chama de *matriz*:

*Chamo de “matrizes do conhecimento psicológico” estes grandes conjuntos de valores, normas, crenças metafísicas, concepções epistemológicas e metodológicas que subjazem as teorias e as práticas profissionais dos psicólogos. (...) Falando em “sistemas”, em “escolas”, em “facções” ou em “correntes” eu permaneço no nível manifesto. (...) No entanto, se o meu interesse é o de identificar pressupostos e implicações eu necessito de um termo que me dê acesso a um nível que opera no registro do latente, do que age dissimuladamente (p. 20).*

Matrizes são grandes espectros de valores comuns que perpassam inconscientemente os diversos sistemas, escolas ou correntes psicológicas. O autor identifica as duas grandes matrizes sob cujas égides teriam se desenvolvido as principais escolas e abordagens psicológicas ao longo do século XX: as matrizes científicas e as matrizes românticas.

*(...) denomino científicas todas as matrizes a partir das quais a psicologia vem a ser concebida e praticada como ciência natural (de acordo, naturalmente, com os modelos de ciência natural disponíveis no século XIX), todas pressupõem a crença numa ordem natural e diferem apenas na forma de considerarem esta ordem; as psicologias geradas por essas matrizes seriam construídas como anexos ou segundo aos modelos de outras ciências da natureza, como, por exemplo, a biologia. Como as demais ciências naturais, as psicologias estariam destinadas a fornecer um conhecimento útil para a previsão e controle dos eventos psíquicos e comportamentais. De outro lado, encontram-se as matrizes inspiradas no pensamento romântico de oposição ao racionalismo iluminista e ao império da matemática e do método: para elas o objeto da psicologia não são eventos naturais, mas são formas expressivas, ou seja, as ações, produtos e obras de uma subjetividade singular que através dele se dá a conhecer (p. 21).*

É visando o nível profundo das matrizes que afirmamos, com efeito, que o modelo de Ebbinghaus triunfou largamente sobre o de Dilthey. Foram as psicologias “destinadas a fornecer um conhecimento útil para a previsão e controle dos eventos psíquicos e comportamentais” que efetivamente colonizaram os sistemas teóricos e, sobretudo, as práticas das psicologias europeias e norte-americanas da primeira metade do século XX. Para exprimir de outro modo o mesmo diagnóstico, podemos lembrar a

enorme diferença de prestígio que recebera por parte da comunidade científica da época a *physiologische psychologie* em comparação com a *völkerpsychologie*. Até onde me consta, não houve um sequer grande psicólogo que tenha dado continuidade a (ou dialogado com) esta última, ao passo em que um o diálogo com a primeira gerou – ainda que através de confrontações críticas – as obras de Ebbinghaus, Titchener, James, Dewey, Thorndike, etc.

O desenvolvimento da psicologia moderna se deu hegemonicamente a partir de um certo Wundt e em detrimento de outro. O que Dilthey chamou criticamente de *psicologia explicativa e construtiva* foi – com vários acidentes, excursos, ramificações, subramificações e alianças inesperadas, é bem verdade – o grande modelo de racionalidade (ou, nos termos de Figueiredo, a grande matriz psicológica) que forneceu as regras gerais em cujos limites as mais influentes escolas psicológicas que praticamos até hoje se desenvolveram: do funcionalismo à psicologia da forma, da reflexologia soviética aos behaviorismos, da psicopatologia à psicanálise.

No entanto, para Dilthey, psicologia não seria a descrição psicofísica da experiência imediata, o estudo da percepção sobre o todo das formas, o estudo funcionalista da medida em que os processos psicológicos não são senão mecanismos de adaptação ao meio por parte de um organismo; não seria tampouco um recorte epistemológico radicalmente empirista que, a partir de premissas funcionalistas, se atém à análise funcional dos comportamentos; tanto menos qualquer teoria geral sobre a sexualidade e sobre o inconsciente, derivada da clínica médica e da psicopatologia; e menos ainda uma visão existencial e fenomenológica sobre o homem que se recusa a reduzi-lo a quaisquer predeterminações teóricas que não sejam essas mesmas da autocriação e autodeterminação. Para Dilthey, psicologia não significava nada disso que ela se tornou. E por que a dita *psicologia descritiva e analítica* não semeou ramificações frondosas?

Uma pesquisa que se dedicasse exclusivamente a escrever uma história *institucional* da psicologia – ou seja, uma história da aparição e consolidação dos movimentos e escolas psicológicas a partir do enfoque no desenvolvimento das suas *práticas de verdade* – demonstraria certamente como a psicologia moderna não teria colonizado os espaços que colonizou e conquistado os poderes que conquistou sem o modelo explicativo e construtivo. Pois, a partir do momento em que pensamos o homem a um nível individual e como um objeto empírico, passamos a poder “estudá-lo”

diretamente, intervindo sobre o seu corpo. O fato de isso eventualmente se dar através da aplicação de um teste, da observação direta de seus comportamentos ou da escuta de sua palavra no interior de um *setting* clínico pré-determinado, é apenas um detalhe. O homem estará sempre lá, sendo visto como um fenômeno passível de controle e manipulação; de transformação imediata a partir de uma tecnologia biopolítica – de um técnico que intervém diretamente por estar investido de um saber.

Se substituíssemos as análises estritamente conceituais que encontramos nos livros de história da psicologia – que meramente recapitulam as linhas de raciocínios que levaram os grandes autores a desenvolverem os seus grandes conceitos e sistemas – por uma análise concreta de como a psicologia passou a existir como uma técnica e uma aplicação, veríamos que, sem o modelo criticado por Dilthey (fundado, mais precisamente, no mecanicismo da física e no vitalismo da biologia), a psicologia jamais teria constituído uma clínica própria e penetrado no interior das escolas, das forças armadas, do mundo do trabalho, dos hospitais, dos sistemas judiciário, de assistência social e prisional, etc. Com isso não quero dizer senão o que, em nossos tempos marcados pela suspeita e pelas ruínas dos grandes sistemas, já estamos cansados de saber: recortes epistemológicos e escolhas metodológicas têm sempre uma relação com interesses extracientíficos.

Se a psicologia tivesse seguido o programa diltheyano, ela não precisaria de um Conselho Profissional para regulamentar as suas práticas, tampouco de um Código de Ética profissional. Porque, embora o seu objeto continuasse sendo o homem, suas fontes de trabalho limitar-se-iam a duas (às mesmas dos historiadores): as fontes primárias e secundárias em papel ou papiro e a arqueologia.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Metafísica* (Bilíngue). Prefácio, notas técnicas e tradução de Giovanni Real. São Paulo: Loyola, 2002.
- DILTHEY, W. *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- DILTHEY, W. *Ideias sobre uma Psicologia descritiva e analítica*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. *Resenha da obra Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. *Veritas*, v. 57, n. 3, set./dez. 2012, p. 223-226. Acesso em 06.04.2018: <http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/veritas/article/view/11549/8790>

- CANGUILHEM, G. *Études d'histoire et de philosophie des sciences*. Paris : Vrin, 2002.
- CASANOVA, M. A. Introdução à Psicologia descritiva e analítica de Wilhelm Dilthey: a hermenêutica diltheyana como crítica das ciências naturais. (p. 07-22). In.: DILTHEY, W. *Introdução à Psicologia descritiva e analítica*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- CORETH, E. *Questões fundamentais de hermenêutica*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.
- FERREIRA, A. A psicologia no recurso aos vetos kantianos (pp. 85-92). In.: VILELA, A. M.; FERREIRA, A.; PORTUGAL, F. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.
- FIGUEIREDO, L. C. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- JAMES, W. *The principles of psychology*. New York: Henri Holt and Company, 1890. Acessado em 17.04.2018: <https://ia800208.us.archive.org/8/items/principlespsych12jamegoog/principlespsych12jamegoog.pdf>
- RIBEIRO, F. *Uma genealogia da genealogia foucaultiana a partir de Platão*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ. Rio de Janeiro, 2018.
- SPINELLI, M. *Questões fundamentais da filosofia grega*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- TEO, T. *The critique of psychology: from Kant to postcolonial theory*. New York: Springer Science+Business Media Inc. 2005.
- \_\_\_\_\_. Theoretical psychology: a critical-philosophical outline of core issues (pp. 117-126). In.: PARKER, I. (editor) *Hand-book of a critical psychology*. New York / London: Routledge, 2016.
- WALSH, R; TEO, T. AND BAYDALA, A. *A Critical History and Philosophy of Psychology: Diversity of Context, Thought, and Practice* Richard T. G. New York: Cambridge University Press, 2014.
- WERTHEIMER, M. [1924]. *Gestalt Theory*, Vol. 21, nº 3: 1999 [pp 181-183]. Acessado em: [http://www.gestalttheory.net/cms/uploads/pdf/archive/1910\\_1933/gestalt\\_theory\\_wertheimer.pdf](http://www.gestalttheory.net/cms/uploads/pdf/archive/1910_1933/gestalt_theory_wertheimer.pdf)
- WUNDT, W. *Lectures on human and animal psychology*. London: Swan Sonnenschein & CO / New York: Macmillan & CO, 1894. Acesso online em 16.04.2018: <https://archive.org/stream/lecturesonhumana00wundrich?ref=ol#page/n7/mode/2up>

Felipe Figueiredo De Campos Ribeiro - Professor da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Pará.

E-mail : [felipefdcr@gmail.com](mailto:felipefdcr@gmail.com)

<sup>1</sup> *Ideen über eine beschreibende und zergliedernde Psychologie.*

<sup>2</sup> Refiro-me aos lugares concretos onde a psicologia passou a “existir” enquanto prática científica: à formação universitária (no ensino e na pesquisa), à escola, ao mundo do trabalho e das organizações, ao poder judiciário e prisional, ao hospital, aos sistemas de saúde e de assistência social e, sobretudo, à clínica, que passa progressivamente a ir aparecendo como um lugar próprio ao psicólogo, no interior do qual este aplicaria o seu saber com finalidades terapêuticas.

<sup>3</sup> Por *psicologia moderna* entendemos aquela que, a partir do século XIX – período em que a primeira crítica kantiana já havia definitivamente feito o conhecimento de tipo científico distinguir-se do de tipo metafísico (ver os capítulos 3 e 4 em TEO, 2005 pp. 39-76; ou o capítulo 4 em VILELA et. all., 2005 pp. 85-92) –, passa sistematicamente a tentar fundamentar-se a si mesma sobre as bases empíricas das ciências da natureza. Rudolph Lotze (1817-1881), Francis Galton (1822-1911), Johannes Müller (1801-1858), Hermann von Helmholtz (1821-1894) e Wilhelm Wundt (1832-1920) são uns dos principais expoentes desse período.

<sup>4</sup> Apenas para destacar três exemplos em meio à infinidade bibliográfica existente, podemos citar *Matrizes do pensamento psicológico* de Figueiredo (2009 [capítulo 9, pp.135-141]), *The critique of psychology* de Teo (2005 [capítulo 5, pp. 77-89]) e *A Critical History and Philosophy of Psychology* de Walsh et. all. (2014 [capítulo 10, pp. 454-501]).

<sup>5</sup> Transição de uma psicologia fisiológica (*physiologische psychologie*) para uma psicologia dos povos (*völkerpsychologie*).

<sup>6</sup> “(...) Wundt foi o primeiro entre todos os psicólogos a demarcar o todo da psicologia experimental como ramo particular do saber. Ele criou um instituto em grande estilo para essa psicologia, do qual partiu o mais intenso impulso para o funcionamento sistemático da psicologia experimental. Além disso, ele reuniu pela primeira vez em seu manual os resultados da psicologia experimental” (DILTHEY, 2011 p. 60).

<sup>7</sup> “A psicologia deve investigar aquilo que a chamamos experiência interna – nossa própria sensação e sentidos, nosso pensamento e volição – em contradistinação aos objetos da experiência externa, que forma objeto da ciência natural. O homem ele mesmo, não como aparece externamente, mas como ele está na sua própria experiência imediata, eis o real problema da psicologia” (WUNDT, 1894 p. 1 [nessa e nas demais edições em língua estrangeira, a tradução é minha]).

<sup>8</sup> *Einführung in die geisteswissenschaften*. Seguiremos a opção de Casanova (2010) de usar *ciências humanas* (ao invés de *ciências do espírito*) para traduzir *geisteswissenschaften*. Embora *geiste* signifique literalmente *espírito*, o termo optado é mais familiar à tradição de uso da nossa língua portuguesa, portanto hermeneuticamente mais consentâneo ao sentido germânico; além de “encontrar precedente nas traduções de língua inglesa e endosso junto a comentaristas especializados” (KAHLMAYER-MERTENS, 2012 p. 226).

<sup>9</sup> “(...) em uma época na qual a sociologia é criada e a antropologia e a psicologia avançam com vigor, traz perplexidade constatarmos que o saber pretensamente rigoroso de tais ciências se encontra atrelado aos princípios e métodos das ciências positivas”. (KAHLMAYER-MERTENS, 2011 p. 188).

<sup>10</sup> “Consideramos que nenhuma das sensações [*aisthêsis*] seja sabedoria. Se as sensações são, por excelência, os instrumentos de conhecimento dos particulares, entretanto não nos dizem o porquê de nada: não dizem, por exemplo, por que o fogo é quente, apenas assimilam o fato de ele ser quente”. (ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 1, 981b 10-13).

<sup>11</sup> “(...) reconhecemos a necessidade de derivar cada processo mental de um outro, do mais simples ao mais complicado” (WUNDT, 1894 p. 441).

<sup>12</sup> Convém lembrar: essa psicologia com a qual dialogava, evidentemente, ainda não se parecia em nada com a que temos hoje. Não era ainda uma clínica que visasse técnicas terapêuticas sobre os indivíduos (o que apareceu somente com Freud e Witmer, como uma derivação da psicopatologia e da clínica médica); nem tampouco a ciência pragmática promotora da adaptação que veio a se tornar, sobretudo no terreno norte-americano, a partir do movimento funcionalista (com James, Mc Keen Cattell e Dewey). Àquela data, a psicologia não era senão um projeto em formação nas cabeças dos supracitados autores; cada um meditando sobre com que metodologia e recortes epistemológicos estudaria a consciência sob bases empíricas.

<sup>13</sup> Com a célebre noção de “fluxo de pensamento” [*stream of consciousness*], o autor afasta-se da tradição wundtiana – de fazer da psicologia uma ciência cuja função seria a de descrever a consciência na sua relação de causalidade com os estímulos físicos do ambiente – para fundar o funcionalismo (JAMES, 1890).

<sup>14</sup> Sem ele, no limite, não há objetividade possível no estudo do homem. Se começarmos – como Heidegger, por exemplo, viria a fazer sistematicamente anos depois – a adentrar ao (hoje tão caro) problema do círculo hermenêutico, perderíamos toda a possibilidade de fundamento. Se passarmos a desconfiar da capacidade imediata que teria o homem do presente – segundo as presunções de Dilthey (na medida em que estariam ligados por um mesmo nexos) – de apreender com correção o homem de outra época, restaríamos presos em aporias (respeitantes a questões de *continuidade* e *descontinuidade* históricas) semelhantes à que enfrentei em minha Tese de Doutorado (ver em RIBEIRO, 2018 pp. 30-42).

<sup>15</sup> “A corrente hegemonia dos psicólogos presume espelhar o mundo exterior sem pressupostos e conduzir seus estudos empíricos sem preconceitos, teorias ou valores. Paradoxalmente, filósofos positivistas da ciência entendem que pesquisa empírica está revestida de teoria. Focando no método e na metodologia, e excluindo os contexto das descobertas (por que o pesquisador está interessado em determinada questão de pesquisa), o contexto da interpretação (a qualidade da discussão), e o contexto de aplicação, os setores predominantes da psicologia excluem, ontologia, epistemologia, ética e estética, para ascender à neutralidade, a noção de que o conhecimento psicológico é livre de política, cultura e sociedade” (p. 120).

<sup>16</sup> *Zeitschrift für psychologie und physiologie der sinnesorgane.*

<sup>17</sup> *Über das Gedächtnis. Untersuchungen zur experimentellen Psychologie.*